

## 60 anos de jornalismo, uma vida de repórter

60 years of journalism,  
a life as a reporter

60 años de periodismo,  
una vida como reportero

Recebido em: 18/03/2024

Aceito em: 27/03/2024

DOI: 10.46952/rebej.v14i33.1232

Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo



**Ricardo Kotscho**

[rikotscho@uol.com.br](mailto:rikotscho@uol.com.br)

Jornalista, ganhador de quatro Prêmios Esso, passou pelas principais redações de jornais e TVs do país. Atua no UOL e no canal My News.

### RESUMO

Jornalista multipremiado com 60 anos de carreira, Ricardo Kotscho faz um balanço de sua trajetória profissional na aula magna que inaugurou o ano letivo de 2024 do curso de Jornalismo na Universidade de São Paulo (USP). Em fala destinada aos estudantes, aqui transcrita de forma adaptada, defende o caráter utópico do jornalismo (“nunca deixem de sonhar, mas com os dois pés no chão”), sua função primordial de informar, (“olhos e ouvidos bem abertos para contar as histórias do nosso tempo”), o compromisso social de informar honestamente e o caráter de utilidade pública da profissão (“nós não mudamos o mundo, mas podemos ajudar a divulgar os bons exemplos de um viver mais justo, solidário e fraterno, denunciando o que está errado e louvando quem bem merece”).

### PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo. Ensino de Jornalismo. Reportagem. Mercado de trabalho. Vocação.

### ABSTRACT

Multi-award winning journalist with a 60-year career, Ricardo Kotscho oversees his professional career in the master class that opened the 2024 academic year of the Journalism course at the University of São Paulo (USP). In a speech addressed to students, transcribed here in adapted form, he defends the utopian character of journalism (“never stop dreaming, but with both feet on the ground”), its primary function of informing, (“eyes and ears wide open to tell the stories of our time”), the social commitment to inform honestly and the public utility character of the profession (“we don’t change the world, but we can help publicize good examples of a more just, supportive and fraternal way of life, denouncing the who is wrong and praising those who deserve it”).

### KEYWORDS

Journalism. Journalism education. Reporting. Job market. Vocation.

### RESUMEN

El multipremiado periodista Ricardo Kotscho hace un balance de su trayectoria profesional en la clase magistral que abrió el año académico 2024 de la carrera de Periodismo en la Universidad de São Paulo (USP). En un discurso dirigido a estudiantes, defiende el carácter utópico del periodismo (“nunca dejar de soñar, pero con los dos pies en la tierra”), su función primordial de informar (“los ojos y los oídos bien abiertos a contar las historias de nuestro tiempo”), el compromiso social para informar con honestidad y el carácter de utilidad pública de la profesión (“no cambiamos el mundo, pero podemos ayudar a difundir buenos ejemplos de una forma de vivir más justa, solidaria y fraterna, denunciando a quien se equivoca y alabando a quien lo merece”).

### PALABRAS CLAVE

Periodismo. Educación periodística docente. Reportaje. Mercado de trabajo. Vocación.

## 1 INTRODUÇÃO

Boa noite, pessoal, sejam todos bem-vindos.

Vocês podem imaginar minha alegria ao voltar, tanto tempo depois, para a Escola de Comunicações e Artes (ECA), onde fui aluno da primeira turma, em 1967.

Confesso que não sou um bom exemplo: até hoje, não consegui me formar porque, com 18 anos, já trabalhava como repórter no Estadão [O Estado de São Paulo] e viajava muito para fazer matérias pelo país inteiro.

Entrei na ECA e no jornal ao mesmo tempo, depois de começar em jornais de bairro, dois anos antes. Naquela época, não se precisava de diploma.

Sou muito grato aos que tiveram a ideia de me convidar, junto com a minha filha Mariana [Kotscho] e a neta Laura [Kotscho], também jornalistas, para falar das experiências delas e dos meus 60 anos de jornalismo, que completo agora em maio.

A profissão não deve ser tão ruim assim, como reclamam alguns colegas da minha geração, da qual sou um dos poucos sobreviventes ainda em atividade. Jornalistas costumam reclamar muito...

Certa vez, muito tempo atrás, fui dar uma aula inaugural como essa para os calouros da PUC [Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP], onde Mariana estudou e se formou.

No final, tomei a maior bronca do então presidente do Sindicato dos Jornalistas, meu velho amigo Antonio Carlos Fon [1945-], porque eu falei que eles tinham escolhido a melhor profissão do mundo, como disse certa vez Gabriel García Márquez [1927-2014].

“Como assim?”, disse o amigo Fon. “A gente trabalha para burro, ganha pouco, apanha de todo lado, não tem tempo para a família, tem de correr da polícia, vai preso, e você fica vendendo essa ilusão para os jovens...”, e foi por aí.

Ele queria o quê? Que eu dissesse, na primeira aula, que escolheram a profissão errada, depois de batalharem tanto para entrar numa faculdade, acabando com os sonhos deles?

Pois eu digo para vocês: nunca deixem de sonhar, mas com os dois pés no chão, olhos e ouvidos bem abertos para contar as histórias do nosso tempo, e o compromisso social de informar honestamente.

Sempre achei que nós prestamos um serviço de utilidade pública, essencial para a democracia e a vida em sociedade. Nós não mudamos o mundo, mas podemos ajudar a divulgar os bons exemplos de um viver mais justo, solidário e fraterno, denunciando o que está errado e louvando quem bem merece.

Temos que ouvir todos os lados, sim, mas não devemos esquecer o nosso lado, que é o daqueles que não têm voz nem vez. Não pode existir jornalista neutro diante de tantas iniquidades que testemunhamos no nosso ofício, quase todos os dias.

A primeira pergunta que devemos nos fazer é esta: por que eu escolhi ser jornalista?

Não tem uma receita pronta. Cada um vai encontrar e construir seu caminho na profissão.

Às vezes, demora um pouco, é sofrido no começo, tem de dar murro em ponta de faca, mas hoje são tantas as opções profissionais e oportunidades para todos que você sempre encontrará lugar para fazer um trabalho honesto, respeitado e reconhecido, com qualquer idade.

O grande Cláudio Abramo comparava o jornalista ao carpinteiro, que ele também era nas horas vagas, aquele que nunca se satisfaz com o que já fez e procura sempre fazer o melhor, pensando na sua clientela (Abramo, 1988).

## 60 anos de jornalismo, uma vida de repórter

Acima de tudo, tem de gostar, amar o que faz, dar um sentido ao trabalho. Costumo dizer que o jornalismo não é apenas uma opção profissional, mas uma opção de vida.

Se você só pensa em grana, prestígio e boa vida, sem fazer muito esforço, então está na profissão errada.

Eu já fiz de tudo nesta longa trajetória, de estagiário a repórter especial, de editor e chefe de reportagem a diretor de redação, nos principais jornais, revistas e emissoras do país, e nunca fui demitido por causa do meu trabalho. Só aconteceu duas vezes, e foi por “corte de custos”.

Sem esconder meu lado na fila do pão – na política, na religião e nas arquibancadas da vida –, nunca deixei de ser repórter, nem quando fui assessor de imprensa, hoje o nosso maior mercado de trabalho. O que importa não é onde você trabalha, mas o que você faz, qualquer que seja o cargo ou função.

Podem não publicar tudo o que escrevo, mas ninguém até hoje me obrigou a escrever o que não penso.

Como o jornalismo não é uma ciência exata, e eu não sou o dono da verdade, vou parando por aqui porque monólogos são sempre chatos.

Prefiro bater um papo com os estudantes. Repórter, disse uma vez o mestre Audálio Dantas [1929-2018], é “um ser que pergunta” (Dantas, 1997).

Fiquem à vontade para me perguntar sobre qualquer assunto. Quanto mais dúvidas vocês tiverem, melhor. Certezas costumam ser perigosas, se não forem bem checadas.

Mais uma vez, obrigado pelo honroso convite, e vamos ao debate

Vida que segue...

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Cláudio. **A regra do jogo: o jornalismo e a ética do marceneiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

DANTAS, Audálio (Org.). **Repórteres**. São Paulo: Senac, 1997.